

# Caiapós deixarão de vender mogno por dois anos

**Acordo inédito determina que comércio de árvores já derrubadas será feito pela Funai**

SANDRA SATO

**B**RASÍLIA – Vários caciques de dez reservas caiapós no sul do Pará assumiram ontem o compromisso de cessar por dois anos a venda de mogno de suas terras para madeireiros. Pelo acordo inédito firmado entre lideranças indígenas e o ministro do Meio Ambiente, José Sarney Filho, quem passa a responsabilizar-se pelo comércio das toras das árvores já derrubadas nessas reservas é a Fundação Nacional do Índio (Funai). “Em vez de os índios serem instrumento de devastação, servirão de barreiras”, afirmou o ministro.

Pelo acordo, os índios terão assegurado o dinheiro da venda das toras que os madeireiros ainda não conseguiram carregar, o que, pela estimativa de Sarney Filho, deverá render cerca de US\$ 6 milhões.

Depois desse período, os caiapós passarão a depender de receitas obtidas pelo desenvolvimento de planos de manejo e de projetos de auto-sustentabilidade traçados conjuntamente pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), Funai e comunidade indígena.

O presidente do Instituto Socioambiental (Isa), Marcio Santilli, que já presidiu a Funai, advertiu que os US\$ 6 milhões são suficientes apenas para 99. Ele comentou que a exploração

predatória de madeira em áreas indígenas foi estimulada pelo governo militar, que, nos anos 80, trocou a demarcação de terras pela permissão de entrada do homem branco nas áreas para extrair ouro e ma-



Sarney Filho e os caiapós: “Em vez de os índios serem instrumento de devastação, servirão de barreiras”

deira. Com os royalties, houve cacique que comprou até avião.

Santilli advertiu as autoridades presentes à cerimônia de ontem que a mentalidade dos caiapós era

a seguinte: “Vocês querem que não se venda mais madeira, tudo bem, mas queremos assistência.” Para os índios, Santilli mandou o intérprete avisar que, “se voltassem para a área e sentassem quietos esperando pelo

governo, não aconteceria nada”.

“Se acaso não for para frente o acordo, vamos ver outro tipo de trabalho”, já havia ameaçado o cacique Kubei Caiapó, que, ao contrário do restante do grupo, não tinha o

corpo pintado e cheio de adornos. Ele disse que os índios queriam tranquilidade. “Não queremos ouvir conversa ruim ou fofoca”, cobrou o cacique, que com as demais lideranças cantou a canção da vitória, depois da assinatura do acordo.

**Acordo** – Os índios admitiram negociar com o governo para fugir da exploração dos madeireiros. “Os madeireiros deram o calote nos índios”, contou o presidente do Ibama, Eduardo Martins, que calcula já terem sido derrubados 10 mil metros cúbicos de madeira das reservas caiapós.

“Todos os anos os madeireiros diziam que estávamos devendo a eles e, por isso, tirariam mais madeira no ano seguinte”, revelou o cacique Kubei. Segundo o diretor de fiscalização do Ibama, Rudolfo Lobo, na

maioria das vezes, o madeireiro não dava dinheiro, mas bancava compras de mercado, gastos com combustíveis, aquisição de carros e até horas de vôos para os índios.

O presidente do Sindicato da Indústria do Comércio de Madeira e Derivados (Sindi-Indústria) da região de Redenção, João Francisco, explica que nos contratos os madeireiros acertavam pagar cerca de R\$ 50,00 por metro cúbico de mogno, mas, antes mesmo de retirar a primeira tora da reserva, eram obrigados a pagar contas dos índios. Ele disse que os índios não são tão inocentes. “Houve casos em que o índio recebeu duas ou três vezes pelo mesmo contrato”, afirmou, reconhecendo também que no seu meio há cerca de 10% de maus profissionais que “dão prejuízos a qualquer um”.

**E**XPLORAÇÃO DE MADEIRA FOI ESTIMULADA POR MILITARES

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL  
**Documentação**  
 Fonte: ESI  
 Data: 01/10/1999  
 Pg: A-10  
 Class: KATAIO (Ibama) 351